

## A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS COPAS DE 2019 NO GLOBOESPORTE.COM

Silvan Menezes dos Santos<sup>1</sup>  
Breno Brey D'auria<sup>2</sup>  
Lucas Barbosa Silva<sup>2</sup>  
Marcus Vínicius de Arruda Silva Pereira<sup>2</sup>  
Otávio Bonjiovane Lourenço<sup>2</sup>  
Vinicius Augusto do Nascimento Monteiro<sup>2</sup>

### Resumo

O presente estudo visou analisar a cobertura jornalística do grupo Globo sobre as seleções brasileiras na Copa do mundo de futebol feminino e a Copa américa de futebol masculino, ambas realizadas no ano de 2019, em períodos concomitantes. Desenvolvemos um estudo de análise de produto midiático, com abordagem quantitativa dos dados. Como ferramenta analítica das notícias, utilizamos a teoria do enquadramento, subsidiada pelo modelo analítico dos 5 E's do esporte. A análise midiática realizada dos constructos noticiosos perpassa por pontos como a data de veiculação, autoria, sexo dos autores e autoras, fonte de entrevista das notícias e o sexo dessas fontes. Os resultados reforçam a ideia de que o cenário é tendencioso a dedicar mais espaço jornalístico ao futebol masculino.

**Palavras-chave:** Futebol de mulheres. Enquadramento midiático. Copa do Mundo de futebol feminino

### Introdução

Em 2019, pela primeira vez na história dos meios de comunicação de massa do Brasil, a Copa do Mundo FIFA de futebol feminino, ocorrida na França, foi coberta na íntegra pelo grupo Globo, ou seja, com todos os jogos transmitidos<sup>3</sup>. Nesse mesmo ano, a competição das mulheres coincidiu com a realização da Copa América Conmebol de futebol masculino, ocorrida no Brasil.

Para além da sobreposição de calendário dos eventos esportivos, a problemática que se apresenta em tal cenário é outra. É conhecida a tendência de dedicação de espaço jornalístico, por parte das Organizações Globo, de acordo com a detenção ou não dos direitos comerciais

<sup>1</sup> Professor adjunto dos cursos de Educação Física e pesquisador do Remix - Observatório de mídias, tecnologias digitais e práticas corporais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - silvan.menezes@ufms.br.

<sup>2</sup> Estudante do curso de graduação em Educação Física e pesquisador do Remix - Observatório de mídias, tecnologias digitais e práticas corporais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - b\_brey@hotmail.com; lukas\_jipa\_1@hotmail.com; marcus91arruda@gmail.com; otaviobonjiovane@gmail.com; vanm.vinicius@gmail.com.

<sup>3</sup> <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/10/pela-1a-vez-na-historia-globo-transmitira-selecao-feminina-na-copa/>> Acesso em 31 de jul de 2020.

de transmitir o produto esportivo em questão (PIRES; LISBÔA, 2015). Além disso, também é sabido no Brasil a histórica desigualdade, entre homens e mulheres, no espaço esportivo e midiático que se dedica para eles em detrimento delas.

Diante das questões anteriormente apontadas, o objetivo do presente estudo foi compreender como as Organizações Globo, detentora dos direitos de transmissão para a televisão aberta da Copa do Mundo FIFA de futebol feminino e da Copa América Conmebol de futebol masculino construiu a narrativa jornalística sobre as seleções brasileiras em seu portal de notícias, o Globoesporte.com.

### **Desenvolvimento**

Desenvolvemos um estudo de análise de produto midiático (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBOA, 2012), com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Recolhemos as notícias publicadas no portal Globoesporte.com, uma semana antes de cada uma das Copas, durante a realização de ambas e uma semana após o encerramento delas. Para organização e análise desse material, as notícias coletadas foram tabuladas no Excel. Destacamos informações dos constructos noticiosos tais como data de veiculação, autoria, sexo dos autores e autoras, fonte de entrevista das notícias e o sexo dessas fontes.

Como ferramenta analítica das notícias, utilizamos a teoria do enquadramento, subsidiada pelo “modelo analítico dos 5 E’s do esporte” (MARCHI JUNIOR, 2015). Para Mendonça e Simões (2012), os enquadramentos midiáticos funcionam como “molduras balizadoras de sentidos”. Eles afirmam que “[...] é no conteúdo que se busca o quadro, visto como uma espécie de ângulo, que permite compreender uma interpretação proposta em detrimento de outras” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 194).

Mobilizamos o olhar para essas molduras e ângulos de abordagem das Copas, analisando e classificando-as a partir da multidimensionalidade do fenômeno esportivo. Para Marchi Junior (2015), ele se constitui na atualidade de maneira complexa nas dimensões da Ética, da Estética, do Espetáculo, da Emoção e, por fim, da Educação, que engloba todas as anteriores. Neste trabalho consideramos as quatro primeiras e a elas adicionamos a dimensão do que denominamos como esportividade. Em consonância com a definição do autor, consideramos o enquadramento das notícias e das entrevistas da seguinte forma:

- Ética: notícias que englobassem a arbitragem, o VAR, fair play, doping, questões de gênero.
- Estética: notícias sobre saúde, lesões e preparo físico de atletas.

- Espetáculo: noticiário que envolvesse questões econômicas, mercadológicas, burocráticas, midiáticas ou publicitárias do esporte.
- Emoção: matérias jornalísticas sobre torcedores, envolvimento das torcidas e relatos dos jogadores e jogadoras acerca da experiência esportiva.
- Esportividade: reportagens que falassem do jogo propriamente dito e de questões atléticas, como treinamento, técnica, tática, estratégia.

Na sequência do texto apresentamos os achados preliminares desta pesquisa. Especificamente destacamos o tamanho da cobertura jornalística dedicada a ambas as Copas. Apresentamos a autoria desta cobertura, os enquadramentos primários e secundários, bem como mapeamos as fontes de entrevistas mobilizadas para a construção das notícias.

### Achados preliminares da pesquisa

Conforme o gráfico 1, sobre a seleção brasileira masculina, durante os 38 dias de recolhimento de dados, mapeamos 506 notícias publicadas, com uma média de 13,31 publicações diárias. Por outro lado, sobre a seleção feminina, durante os 45 dias de coleta, identificamos 164 notícias, com uma média de 3,64 por dia.

Gráfico 1 - Cobertura jornalística diária da Copa América de Futebol Masculino e da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 no portal Globoesporte.com

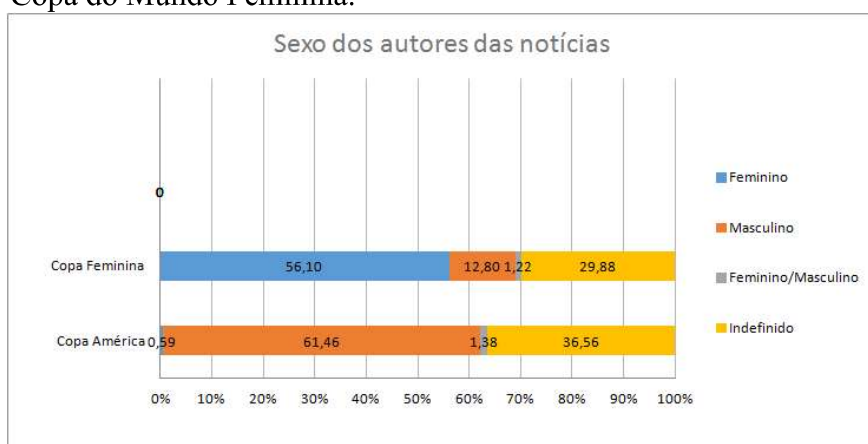


Ao considerarmos as participações das duas seleções nas suas respectivas Copas e recontarmos a produção noticiosa sobre elas até o encerramento das suas participações nas competições, ainda assim encontramos uma diferença abrupta de espaço jornalístico. Até o dia 23 de junho de 2019, dia da eliminação das brasileiras nas oitavas-de-final para a seleção

francesa, encontramos 148 publicações, que contabilizam uma média de 6,16 notícias por dia. Mesmo assim evidencia-se a distinção de espaço e atenção jornalística dedicada pelo Globoesporte.com entre as duas seleções. Quando comparadas as coberturas, vemos que as mulheres não tiveram metade do espaço que os homens obtiveram no portal.

Ao mapearmos o sexo dos produtores e produtoras das notícias, identificamos que na Copa do Mundo Feminina as mulheres ocuparam maior parte da cobertura, com 56,71%. Na Copa América, 61,46% das notícias foram elaboradas por homens, conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Sexo dos autores das notícias da Copa América e da Copa do Mundo Feminina.



O tamanho da equipe de jornalistas dedicados à cobertura das Copas e a proporção de participação desses profissionais na produção de notícias sobre ambas as seleções também são indicativos da subvalorização das mulheres no portal Globoesporte.com. Na Copa América o portal contou com 60 repórteres assinando as notícias e na Copa do Mundo Feminina foram 35 os autores e autoras identificadas, ou seja, praticamente metade da equipe.

Na competição masculina, observamos 38,1% das notícias assinadas por redações do Grupo Globo. Outros dois jornalistas participaram da produção de aproximadamente 32% das publicações cada um e os demais 58 profissionais produziram entre 4,74% e 0,19% da cobertura do portal na Copa América.

Por outro lado, na competição das mulheres, identificamos 29,2% da produção noticiosa advinda de redações do conglomerado de mídia. Solitariamente, uma jornalista participou de 45,1% da cobertura, enquanto 34 diferentes jornalistas estiveram presentes em uma proporção entre 5,5 e 0,6% das notícias publicadas sobre a seleção brasileira feminina.

Sobre os tipos de enquadramento midiático-esportivo, observamos no gráfico 3 a tendência do portal em enquadrar a Copa América mais nas dimensões da esportividade

(40,1%) e do espetáculo (31,6%). Com relação à Copa Feminina, a primeira dimensão de enquadre seguiu como na competição masculina (esportividade com 42%), mas diferentemente vemos na sequência a dimensão da emoção (24,4%) como segundo maior foco da cobertura.

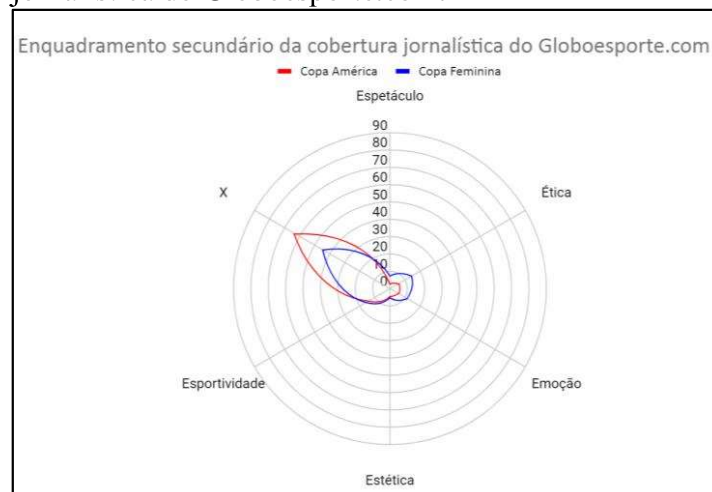
Gráfico 3 - Enquadramento primário da cobertura jornalística do Globoesporte.com.



Destacamos, diante desses dados, que não houve, ao menos proporcionalmente, uma diminuição esportiva das mulheres no conjunto da cobertura jornalística do Globoesporte.com. Paralelamente a isso, ressaltamos o enfoque maior à dimensão emocional do esporte na produção noticiosa sobre elas durante a competição.

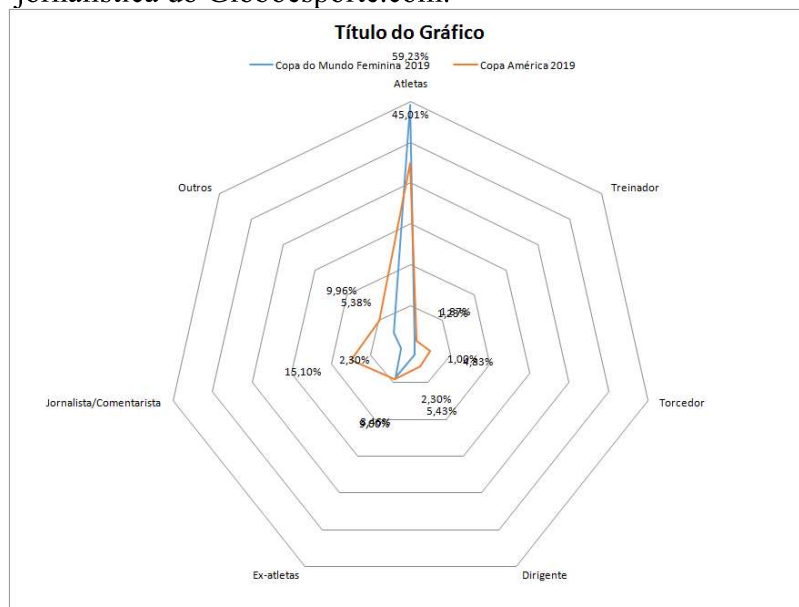
No gráfico 4 a seguir, visualizamos que a cobertura de ambas Copas ocorreu, tendencialmente, com enquadramentos noticiosos isolados. Vemos que 63,4% das notícias da Copa América e 44,7% da Copa Feminina não possuíam elementos secundários na composição das notícias. Destaca-se, no entanto, a leve preponderância da dimensão ética como elemento secundário na cobertura da competição feminina. Isso se deve à presença das questões de gênero e da luta das mulheres por igualdade em 14,7% dos constructos noticiosos veiculados naquele contexto. Todavia, visto que aquela seria uma ambiência propícia para o levantamento e veiculação de informações sobre a temática, podemos apontar um indício de silenciamento da pauta na cobertura do portal.

Gráfico 4 - Enquadramento secundário da cobertura jornalística do Globoesporte.com.



Quanto às fontes das entrevistas, a cobertura das copas analisadas (Feminina e América) concentrou a maioria de suas fontes nos(as) atletas (59,23% e 45,01%, respectivamente), conforme revela o Gráfico 5. Os jornalistas/comentarista são o número com maior divergência entre as copas. Enquanto na Copa América, a categoria representa 15,10% dos entrevistados, na Copa do Mundo o total é de apenas 2,3%.

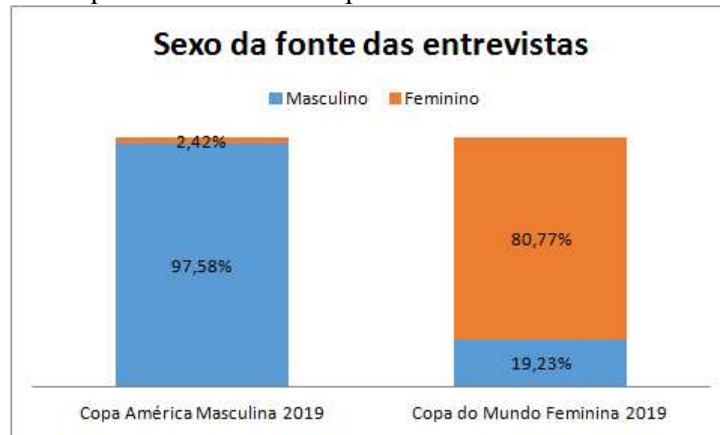
Gráfico 5. Fonte das entrevistas das notícias da cobertura jornalística do Globoesporte.com.



Com relação ao sexo das fontes das notícias, conforme o Gráfico 6 a seguir, vemos que a presença das mulheres como entrevistadas na Copa América é praticamente inexistente. Por

outro lado, observamos que os homens ainda ocuparam cerca de 20% do espaço das entrevistas veiculadas na cobertura da Copa Feminina.

Gráfico 6 - Sexo das fontes das entrevistas nas notícias da Copa América e da Copa do Mundo Feminina.



Percebe-se que não há abertura para a fala das mulheres sobre o futebol praticado por eles. Todavia, vemos que a mídia em questão reproduz a ideia de que eles estão habilitados para falar, comentar e analisar o futebol delas. Este dado configura, por sua vez, mais um elemento distintivo de como a mídia contribui fortemente com o imaginário social de que os autorizados a falar sobre futebol são majoritariamente os homens, seja o praticado por eles ou jogado por elas.

### Considerações ainda não finais

Mesmo sem chegar ao final deste estudo, temos indícios de que o investimento midiático do Grupo Globo no futebol das mulheres, comprando os direitos de transmissão para Copa do Mundo de futebol feminino, não significou aumento do espaço jornalístico em seu portal de notícias. Apesar da desigualdade manifesta no espaço jornalístico, identificamos que não houve uma diferenciação na veiculação de ambas as competições como fenômenos representativos da esportividade. Neste ínterim, observamos que mesmo a Copa Feminina sendo um espaço propício para a circulação de informações sobre as questões de gênero e a luta das mulheres no esporte, esta foi uma dimensão do esporte secundarizada pela cobertura do portal.

Destacamos também que o Globoesporte.com aparentemente diferenciou a equipe de cobertura das Copas de acordo com o sexo dos e das jornalistas. Dedicou os homens para a competição masculina e, predominantemente, as mulheres para a feminina. Todavia, pudemos

identificar a distinção de valor jornalístico atribuído à seleção dos homens e das mulheres, sobremaneira, pelo tamanho dessas equipes que se debruçaram nos eventos. O grupo de jornalistas que participaram da cobertura deles foi praticamente duas vezes maior do que a que se dedicou a elas.

Chamamos atenção ao risco de o time de mulheres da seleção brasileira se transformar em uma relevante peça de entretenimento para a indústria midiática brasileira. Contudo, dessa forma elas podem acabar não sendo compreendidas como fenômeno de interesse público, que carece, portanto, de atenção e espaço jornalístico para a veiculação e circulação de informação.

### **Referências**

MARCHI JUNIOR, W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*, v. 5, n. 1, p. 46–67, 2015.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, p. 187–235, 2012.

PIRES, G. De L.; LAZZAROTTI FILHO, A.; LISBÔA, M. M. Educação física, mídia e tecnologias–incursões, pesquisa e perspectivas. *Kinesis*, v. 30, n. 1, 2012.

PIRES, G. D. L.; LISBÔA, M. M. *Quem será “mais Brasil” em Londres/2012?: enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015.